

Secretaria antecipa ações de controle vetorial da leishmaniose, em Sobradinho II, após a morte de Renata Santos, 6 anos. Moradores temem infecção e os cães com sinais da doença serão recolhidos

Estado de alerta

GIZELLA RODRIGUES E
GUILHERME GOULART

DA EQUIPE DO CORREIO

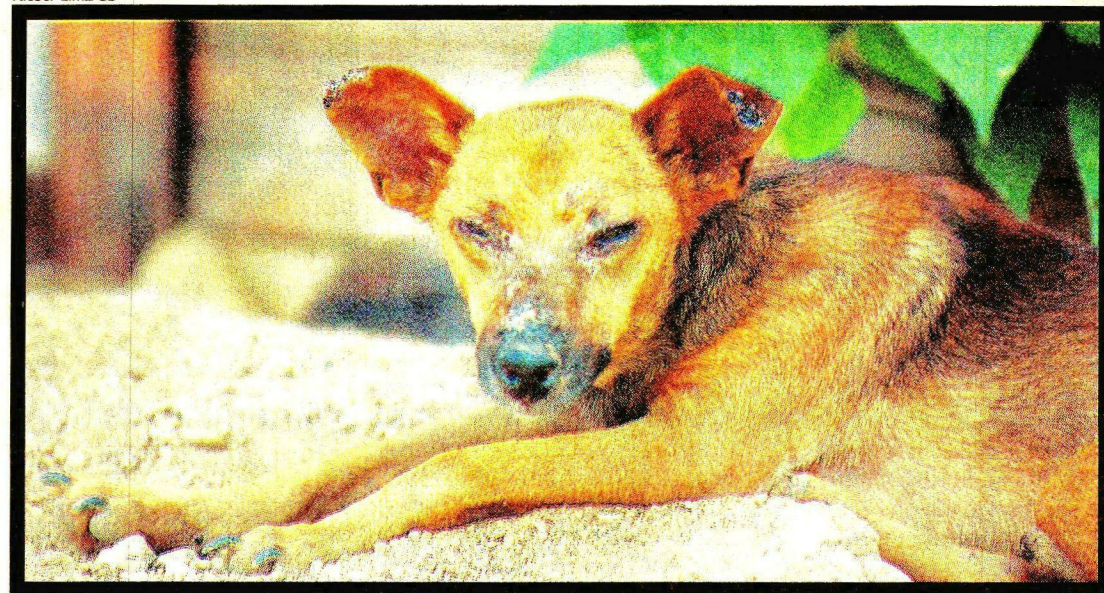
Os cinco casos de leishmaniose visceral confirmados no Distrito Federal em pouco mais de um ano fizeram crescer o medo numa das áreas mais carentes da capital do país. Com a morte de Renata Santos, 6 anos, na última quinta-feira, a primeira do DF, moradores de 16 localidades dos arredores de Sobradinho II des-

cobriram a gravidade de uma doença até então inexistente na região. A morte da garota fez com que a Secretaria de Saúde preparasse um plano de emergência para impedir novos casos, principalmente na Vila Rabelo II, onde Renata morava e pelo menos duas pessoas foram infectadas e estão em tratamento.

A Secretaria de Saúde trabalha na região de Sobradinho II (veja arte na página 24) desde setembro de 2005, quando houve o primeiro registro da doença provo-

cada pelo protozoário *Leishmania* — a leishmaniose é transmitida por um mosquito que se torna vetor após picar um cão contaminado. Apesar dos mais de 12 meses de trabalho, o programa de combate não chegou à Vila Rabelo II. A morte de Renata apressou o calendário de ações. A partir de amanhã, agentes de saúde visitarão as 370 casas da vila para identificar pessoas com sintomas da doença, borrifar inseticida nos terrenos e exterminar a população de cães infectados.

Kleber Lima/CB



CACHORRO QUE VAGAVA NAS RUAS DE VILA RABELO II ONTEM DE MANHÃ APRESENTA SINTOMAS DE LEISHMANIOSE CUTÂNEA

A preocupação na Vila Rabelo II é tão grande que transformou os cães em inimigos públicos. Os moradores pedem que os cachorros sejam recolhidos e os seus donos multados. “As crianças andam descalças e pisam nas fezes e urina dos animais, que muitas vezes defecam sangue. Pegam os bichos no colo e eles até lambem as crianças”, conta o presidente da Associação de Moradores da vila, Rocivaldo Marques, 30 anos.

O *Correio* identificou ontem

um cachorro com leishmaniose cutânea, uma das duas formas da doença. O animal estava solto em Vila Rabelo II. Apresentava ferimentos no focinho, sangramentos nas extremidades e ao redor dos olhos, além de queda de pêlos. O médico Carlos Gropen acredita que o extermínio de cães não erradica o mal. “Deve-se investir em medidas de saúde básicas. Cães podem ser tratados e mosquitos combatidos com veneno”, explicou. Outros especialistas criticam a

falta de opções de tratamento e defendem maior atenção às pesquisas da leishmaniose, dengue e tuberculose. “O programa de controle de leishmaniose do Brasil é líder, mas há poucas alternativas para tratar”, cobrou o pesquisador do Núcleo de Medicina Tropical da Universidade de Brasília (UnB), Gustavo Romero.

LEIA MAIS SOBRE SAÚDE NAS

PÁGINAS 24 E 25